

Resenha Crítica

DA SILVA, Jairo Rivaldo. O Leviathan de Hobbes em nova perspectiva: um estudo sobre o papel dos pressupostos na interpretação. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2020.

O Leviathan em nova perspectiva: uma resenha (teologicamente) crítica.

Willian Orlandi¹⁰⁵

Introdução

Uma obra que sintetiza a história da recepção do Leviatã de Hobbes e que ainda analisa os pressupostos dessas recepções com competência e senso crítico é mais do que bem vinda. Para tal empreitada, dificilmente poderíamos pensar em um autor mais capacitado do que Jairo Rivaldo. Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco. É Mestre em filosofia pela UFPE, especialista em Teologia Filosófica pela Faculdade Kennedy, especialista em Ciência Política pela UCAM, em Teologia do Novo Testamento pela Unifil. É Bacharel em teologia pelo STEC. Atualmente, é coordenador do Bacharelado (livre) EAD do STJE e da Pós-graduação (lato sensu) presencial e EAD do STJE. Sua

¹⁰⁵ Especialista em Teologia do Novo Testamento pela UniFil. Pós-graduando em Teologia do Antigo Testamento (UniFil) e em psicolinguística (Metropolitana). Licenciado em Letras (PUC-Campinas) e graduado em Teologia (Seminário Martin Bucer). Atualmente é professor da graduação e pós graduação no Seminário Jonathan Edwards e Pastor presidente da Igreja Batista Reformada em Indaiatuba, SP.

obra é fruto de sua dissertação de mestrado na UFPE (Universidade Federal de Pernambuco), concluída em 2018 sob a orientação do prof. Dr. Marcos Fanton.¹⁰⁶

Fanton inicia seu prefácio a essa obra comparando-a com o insight histórico de John Rawls, em suas *Conferências sobre a história da filosofia política*. Nessas conferências, Rawls procura estabelecer duas máximas para servirem de bússola na hermenêutica dos autores consagrados dessa tradição filosófico-política. Uma dessas máximas afirma que “para compreender as obras desses autores, devemos identificar seus pontos de vista e o modo como estes determinam a interpretação e discussão das perguntas levantadas”¹⁰⁷. Assim Rawls, seguindo à sua maneira o filósofo Collingwood, nos relembra a necessidade de contextualização histórica dos pensadores políticos. Tal contextualização ganhou força na tradição da hermenêutica filosófica a partir do século XIX (com Dilthey), passando pelo “ser-no-mundo” de Heidegger e pela hermenêutica de Gadamer, e ganha terreno fértil nessa aplicação específica na recepção de Hobbes feita pelo prof. Jairo. Além de ser uma necessidade metodológica, a contextualização evita que o intérprete caia na falácia do anacronismo, mostrando que a investigação primariamente deve buscar “as respostas que os diferentes autores deram às suas (não às nossas) perguntas”¹⁰⁸.

As escolas de interpretação do Leviathan.

O professor Jairo faz uma leitura cerrada de duas importantes tradições hermenêuticas do *Leviatã*. Em primeiro lugar, temos a obra de David Gauthier, *the logic of leviathan: moral and political theory of Thomas Hobbes* (1969 - seguida pelos trabalhos de Gregory Kavka e Jean Hampton). Essa tradição hermenêutica "ortodoxa" sobre Hobbes, ao tentar uma interpretação unificada e coerente do pensamento hobbesiano, deixa de lado um extenso material do *Leviatã*. Assim, a religião é ignorada e reputada como irrelevante, nada mais nada menos que metade do livro (partes 3 e 4). Foi só a partir de 1990 que alguns filósofos começaram a dar a atenção devida à religião no pensamento de Hobbes (cf. esp. Sharon Lloyd).

O leitor de “O Leviathan em novas perspectivas” perceberá as implicações dos pressupostos na interpretação não apenas de Hobbes, mas de todas as áreas da

¹⁰⁶ Professor de filosofia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

¹⁰⁷ Citado no prefácio da obra resenhada, p. 11.

¹⁰⁸ Ibid.

vida. Proeminente no pensamento de filósofos como Hans-Georg Gadamer e Cornelius Van Til, os pressupostos, ou pré-juízos, são inevitáveis. Vale notar que tais pressupostos são, por natureza e definição, religiosos, pois os agentes interpretativos assumem (pela fé) certos axiomas como ponto de partida, certas estruturas fiduciárias (na linguagem de Polanyi) que são compromissos pré-teóricos (na linguagem de Dooyeweerd). Assim, não apenas Hobbes não está livre de seus motivos religiosos, mas também todos os seus intérpretes (e de fato, todas as pessoas) encontram-se influenciados, conscientes ou não, por temas religiosos, alavancas arquimedianas assumidas pela fé.

Estar dentro de uma teia inescapável de pressupostos písticos não significa que todas as interpretações são igualmente válidas por partirem de locais pré-teóricos. Pelo contrário, a validação hermenêutica se faz necessária e ganha peso com a adequação da interpretação ao todo da obra dentro de seu contexto. Essa é a falha da primeira escola de interpretação analisada no livro do prof. Jairo.

Resta agora, nos limites desta resenha, apontar ao leitor sugestões de dois autores para complementar a leitura da presente obra (completa por si mesma, dentro de sua proposta), para futuras reflexões sobre o papel da religião no pensamento de Thomas Hobbes.

Para reflexões futuras: Girard, Dooyeweerd, e Voegelin.

O livro ainda conta com dois apêndices surpreendentes. no primeiro, Rivaldo mostra sua própria interpretação de Hobbes, pontuando que o mesmo tirara do cristianismo seu ferramental teórico, ainda que com interpretações heterodoxas de elementos chaves da fé cristã, como a Trindade, por exemplo. O segundo faz uma leitura de Hobbes a partir da hermenêutica mimética de René Girard, além de comparar Hobbes com Girard. Essa comparação mostrou a essência religiosa dos conflitos miméticos que geram o bode expiatório - i.e., o papel da violência sangrenta na criação do Estado. Para caminharmos à conclusão, julgo frutífero iniciar, *en passant*, um diálogo com mais dois pensadores - Dooyeweerd e Voegelin - que também perceberam motivos religiosos em Hobbes, ainda que sob perspectivas diferentes.

Herman Dooyeweerd, em sua nova crítica do pensamento teórico, também lê o motivo religioso de Hobbes. Ele afirma que Hobbes, no Prefácio de seu De

Corpore¹⁰⁹, descreve, completamente em termos da história da criação no primeiro capítulo do livro Gênesis, a demolição metodológica de toda realidade dada, executada pela razão humana, a fim de reconstruir o cosmos a partir dos elementos mais simples do pensamento. A atividade lógica do filósofo deve criar, assim como o artista ou como Deus, que dá ordem ao caos¹¹⁰. Dooyeweerd também percebe a “fé” (confiança) de Hobbes, por trás de seu pensamento teórico:

Descartes e Hobbes, dois grandes pensadores, concordavam em sua fé no ideal moderno de personalidade. E ambos tinham uma confiança ilimitada no novo método científico como o instrumento da ciência-ideal filosófica. Não obstante, eles se combateram amargamente no *actio finium regundorum* entre os dois fatores básicos da Ideia-base transcendental do pensamento Humanista¹¹¹.

O filósofo holandês, portanto, aponta para os motivos-base do pensamento hobbesiano, dentro do dualismo determinismo-liberdade, característico de sua época.

Por fim, basta uma breve menção ao filósofo Eric Voegelin. Na tese de Voegelin sobre gnosticismo em *The New Science of Politics*, Thomas Hobbes desempenha um papel importante. Hobbes é um gnóstico, Voegelin afirma, porque ele quer abolir as tensões da história, devido à sua "tentativa de congelar a história em uma constituição eterna é um exemplo da classe geral de tentativas gnósticas de congelar a história em um reino final perpétuo nesta terra"¹¹². Desnudando temas gnósticos em Hobbes, Voegelin também demonstra as motivações religiosas do filósofo em análise.

Portanto, quer seja em chave mimética, cosmonômica ou gnóstica, uma interpretação holística e responsável de Hobbes deve levar em conta seus pressupostos religiosos, que não estão tão escondidos assim, visto que ocupam metade da sua obra principal.

¹⁰⁹ Opera latina, Vol. I, De Corpore Praef.

¹¹⁰ DOOYEWEERD, Herman. *A New Critique of Theoretical Thought, Vol. I: The Necessary Presuppositions of Philosophy*. Jordan Station, ON.: Paideia Press, 1984, p. 197. A concepção bíblica da criação é evidentemente confundida aqui com a idéia grega do demiurgo divino.

¹¹¹ Ibid. p. 216.

¹¹² VOEGELIN, Eric. *The New Science of Politics: An Introduction*. Chicago: University of Chicago Press, 1987, p. 160-161.

Conclusão

Trazer à superfície os pressupostos de cada proposta hermenêutica é necessário para respondermos questões fundamentais que norteiam cada interpretação. Questões como a natureza do regime político, o fundamento e limites da obrigação política, a base dos direitos individuais, etc, devem ser analisadas desde suas raízes e não apenas seus frutos. Jairo Rivaldo esclarece essas nuances com maestria para o leitor atento. O livro, portanto, é um exercício de hermenêutica teológica dentro de um tema (pensador) da filosofia política, uma leitura obrigatória para todos aqueles engajados com a filosofia política e com a filosofia da religião.

Apêndice

Transcrição das palestras da VI Semana Teológica do Seminário Teológico Jonathan Edwards